



Cartas de Graciliano Ramos: diálogos entre o AEM e outros arquivos

Letters from Graciliano Ramos: Dialogues Between the AEM and Other Archives

Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil
lygialetras@gmail.com

Resumo: Nesta edição comemorativa de trinta anos do Acervo de Escritores Mineiros (AEM), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), escolheu-se pensar a questão do arquivo literário a partir da leitura de algumas cartas de/para Graciliano Ramos que, apesar de não ter nascido na terra de Carlos Drummond de Andrade, tem seu espaço nas “Coleções especiais” do referido acervo.¹ Em virtude deste número festivo de *O eixo e a roda*, portanto, são colocadas em diálogo duas cartas de Graciliano Ramos domiciliadas no AEM – uma escrita a Octavio Dias Leite e outra, a Getúlio Vargas –, juntamente com correspondências adicionais residentes em outros arquivos, a fim de perscrutar o universo literário do autor por meio de sua escrita epistolar. Com este trabalho, verificou-se que as cartas são um espaço privilegiado de reflexão literária do autor de *Vidas Secas* e que o Arquivo Graciliano Ramos está cada vez mais vivo, à espera de novas leituras, consignações, reciclagem.

Palavras-chave: Graciliano Ramos; cartas; arquivo.

Abstract: In this thirty-year commemorative edition of the Acervo de Escritores Mineiros (AEM), from the Federal University of Minas Gerais (UFMG), we chose to think about the issue of the literary archive from the reading of some letters from/to

¹ A coleção de Graciliano Ramos, doada pela família, dividida em bibliográfica e documental, é composta por quatorze exemplares das obras do autor e 106 documentos entre correspondência, manuscritos do titular, produção intelectual de terceiros e homenagem. (ACERVO..., 2019).

Graciliano Ramos who, although not born in the land of Carlos Drummond de Andrade, has his space in the “Coleções especiais” of that collection. Due to this festive number of *O eixo e a roda*, therefore, two letters from Graciliano Ramos domiciled in AEM – one written to Octavio Dias Leite and other to Getúlio Vargas –, are put in dialogue, along with additional correspondence residing in other archives, in order to scrutinize the literary universe of the author through his epistolary writing. With this work, it was verified that the letters are a privileged space for literary reflection of the author of *Vidas Secas* and that the Graciliano Ramos Archive is increasingly alive, waiting for new readings, consignations, recycling.

Keywords: Graciliano Ramos; letters; archive.

1 As cartas de Graciliano Ramos: a constituição do Arquivo como herança

Em 14 de outubro de 1952, Jorge Luis Borges, então presidente da Sociedad Argentina de Escritores,² remete de Buenos Aires, em papel timbrado da instituição, uma carta a Graciliano Ramos, à época, presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE):³ “[...] Al enviarle, ya de regreso a su país, los más expresivos saludos en nombre de la Sociedad Argentina de Escritores, hacemos votos por el restablecimiento de su salud y la feliz prosecución de su nobilísimo trabajo de novelista. [...]” (BORGES, 1952).⁴

O autor de *O Aleph*, além de fazer votos de restabelecimento de saúde ao amigo, refere-se à estadia de Graciliano Ramos em Buenos Aires, com quem na ocasião não pôde conversar. Em setembro daquele ano, o autor de *Angústia* viajou para a capital argentina a fim de ser operado de um tumor na pleura, já que a cirurgia endotorácica de que ele

² Borges presidiu a referida instituição entre 1950 e 1953.

³ Graciliano Ramos foi empossado em 1951.

⁴ “[...] Ao enviar-lhe, já de volta ao seu país, as mais expressivas saudações em nome da Sociedade Argentina de Escritores, votamos pela restauração de sua saúde e pela feliz busca de seu trabalho mais nobre como romancista. [...]”. (Tradução minha). Carta inédita em livro, consultada em 4 de abril de 2019, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo: Arquivo IEB-USP, Acervo Graciliano Ramos, Série Correspondência Passiva, Código GR-CP-052. Optou-se por manter a escrita original de todas as cartas consultadas nos acervos.

necessitava ainda não era realizada no Brasil. A viagem de Graciliano foi financiada pelo Partido Comunista do Brasil (PCB). Rodolfo Ghioldi, secretário-geral do Partido Comunista da Argentina e ex-companheiro de cárcere do autor alagoano, foi o responsável por recebê-lo e Jorge Alberto Tayana foi o médico responsável por cuidar de Graciliano no Instituto de Cirurgia Torácica de Buenos Aires. Apesar dos esforços, o autor àquela época já estava gravemente tomado pela doença e a operação ocorreu sem sucesso. Foi, então, transferido para o Sanatório Anchorena, a fim de se recuperar, até retornar ao Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1952.

Durante a sua rápida estadia na Argentina, Graciliano Ramos recebeu a visita de alguns escritores daquele país, como Raúl González, Alfredo Varela e Héctor Agosti; teve a constante companhia fraterna de Rodolfo Ghioldi; e encontrou forças para terminar o capítulo 34 do relato de sua recente viagem a União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal, também financiada pelo PCB, ocorrida entre os meses de abril e junho daquele mesmo ano.

Pouco mais de dois meses da carta de Borges, em 31 de dezembro de 1952, Graciliano orienta o filho, Ricardo Ramos, um de seus biógrafos, sobre o destino que sua obra ainda não publicada deveria ter:

Véspera de Ano-Novo, entraríamos em 1953. Abatidíssimo, ele [Graciliano Ramos] me pegou pelo braço e fomos para o seu quarto, fechou a porta. Sem nenhuma preparação, começou a falar: – Preste atenção no que não está em livro. Se assinei com meu nome, pode publicar; se usei as iniciais GR, leia com cuidado, veja bem; se usei RO ou GO, tenha mais cuidado ainda. O que fiz sem assinatura ou sem iniciais não vale nada, deve ser besteira, mas pode escapar uma ou outra página menos infeliz. Já com pseudônimo não, não sobra uma linha, não deixe sair. E pelo amor de Deus, poesia nunca. Foi tudo uma desgraça.

Eram as suas disposições finais, quanto à obra juvenil e avulsa. Naturalmente preocupado. Disfarcei o mais que pude a emoção, dizendo ligeiro uma ou outra palavra. Ele continuou, pensativo, olhando em frente:

– Tome conta, pode ter importância. Talvez algum dia os livros rendam alguma coisa. Seria bom para sua mãe, para as meninas.

– Sim, claro – prometi, meio engasgado. Ele se levantou, apoiado à escrivaninha lembrou-se:

– Ah, não esqueça. Quando isto acabar, agradeça a Drummond e Schmidt em meu nome. Escreva ou faça uma visita aos dois. Então

me abraçou, mais demorado, e me beijou no rosto. Pela primeira vez, que eu lembre. E última. (RAMOS, R., 2011, p. 195-196).

Graciliano morre em 20 de março de 1953, de câncer na pleura.

Este artigo⁵ começa, tal uma biografia, pela morte do biografado, e detém-se na herança literária deixada, mais especificamente num desses “bens” não expressamente citados por Graciliano Ramos.

Desde a morte do referido autor alagoano, assistimos a uma proliferação interessante de publicações póstumas, dos textos autobiográficos como *Memórias do Cárcere* (1953) e *Viagem* (1954), aos volumes de contos, crônicas e histórias infantis, como *Viventes das Alagoas* (1962); *Linhas tortas* (1962); *Alexandre e outros heróis* (1962); *O estribo de prata* (1984); *Garranchos* (2012); *Cangaços* (2014); e *Conversas* (2014). Além disso, parte de sua correspondência também foi publicada:⁶ *Cartas* (1980), *Cartas de amor à Heloísa* (1992) e *Cartas inéditas de Graciliano Ramos aos seus tradutores argentinos: Benjamín de Garay e Raúl Navarro* (2008). Isso sem mencionar as constantes reedições de suas obras, como as comemorativas, a exemplo das octogenárias *Caetés* (2013) e *Vidas Secas* (2018) e um box de 120 anos de nascimento do autor (2013).

Contudo, há que se pontuar que no relato supracitado, Graciliano Ramos nada menciona a respeito de que fim dar às suas cartas, parte da herança deixada – pelo menos não nomeadamente. Se pensarmos que, em suas correspondências, há a sua assinatura de diversas maneiras – Graciliano, velho Graciliano, amigo Graciliano, Teu Graciliano etc. –, essa afirmativa poderia virar uma questão: “Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois da morte?” (FOUCAULT, 1992, p. 38).

Por ora, fiquemos com a afirmativa: Graciliano nada fala a respeito de que fim dar a essas letras. E então uma hipótese: talvez porque, como afirma Heloísa de Medeiros Ramos, a segunda esposa do autor, ele preservasse “[...] a sua identidade a ponto de não permitir intrusões em seu espaço pessoal”, porque “[...] era avesso a qualquer publicidade,

⁵ Recorte da minha dissertação de mestrado (SCHMITZ, 2018).

⁶ Está prevista ainda a publicação de um volume de cartas inéditas de Graciliano Ramos pela Prof.^a Dr.^a Ieda Lebensztayn.

muito contido em suas relações com terceiros” (RAMOS, G., 2011, p. 5). Além disso, é de se supor que ele não achasse que sua correspondência merecesse algum tipo especial de atenção, de destino, já que ele mesmo admitia ser “[...] muito descuidado em correspondência” (RAMOS, G., 2011, p. 160). E, pontue-se, segundo Nelson Werneck Sodré, sequer o autor de *Memórias do Cárcere* gostava de escrever cartas:

[...] Graciliano tinha horror a escrever cartas, parte de sua intrínseca dificuldade em escrever, que os amigos conheciam e que acabou por configurar-se em sua obra exígua⁷. (SODRÉ, 1970, p. 173).

[...] [Graciliano] tardou um pouco a responder, com o seu horror a escrever cartas. (SODRÉ, 1970, p. 279).

Contudo, é por meio mesmo de uma das missivas de Graciliano Ramos, datada de 15 de setembro de 1932, endereçada à Heloísa (a Ló das cartas), que achamos uma motivação para desenvolver uma pesquisa acerca do exercício epistolar graciliano: “Se você quiser queimar esta carta, pode queimar. Mas, com franqueza, faz pena perder-se uma literatura tão boa” (RAMOS, G., 2011, p. 166).

Tomando a escrita da carta como literatura, narrativa, o autor quebrangulense acena para o encontro entre *ficção e confissão* – para usarmos um clássico de Antonio Candido (2006) sobre a obra graciliana. O objetivo deste artigo é então perscrutar o universo literário do autor por meio de sua escrita epistolar. Para tanto, elegeu-se, como ponto de partida, duas cartas⁸ de Graciliano Ramos domiciliadas no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a fim de prestigiar seu trigésimo aniversário nesta edição comemorativa de *O eixo e a roda*, colocando-as em diálogo (encontro e confronto) com

⁷ A “obra exígua” de que Sodré faz referência é *Memórias do cárcere* (1953). Graciliano Ramos demorou dez anos para começar a escrevê-la, falecendo antes mesmo de publicá-la. O autor teria deixado de escrever um último capítulo, que então versaria sobre o seu período de liberdade. Defendemos aqui que este capítulo “não escrito”, contudo, pode ser lido por meio das cartas.

⁸ A carta remetida a Octavio Dias Leite já foi publicada na revista *Margens/Márgens* (2003, p. 40-41); e a escrita a Getúlio Vargas já foi publicada em Alves (2016, p. 311-313). Vale mencionar que esta também se encontra no acervo do Museu Casa de Graciliano Ramos, que me concedeu uma cópia à época da pesquisa de mestrado, em 2017.

outras missivas do autor, residentes em outros arquivos, como o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP); as Fundações Casa de Rui Barbosa (FCRB) e Biblioteca Nacional (BN), no Rio de Janeiro; o Museu Casa de Graciliano Ramos, em Palmeira dos Índios e, claro, com algumas cartas já publicadas, pertencentes a outros acervos.

2 Ética e estética

[...] Estou, pois com vontade de ir para Minas, onde há muitos leprosos. Talvez encontre outros doentes como eu.

Graciliano Ramos

O trecho que abre esta seção é parte de uma das cartas de 3 de abril de 1935, à Heloísa, em que Graciliano Ramos deixa-nos entrever seu pensamento acerca da figura do escritor. Apesar das confusões políticas que pululavam o país àquela época, o seu único interesse era a escrita de romances:

O Estado está pegando fogo, o Brasil se esculhamba, o mundo vai para uma guerra dos mil diabos, muito pior que a de 1914 – e eu só penso em romances que poderão sair dessa fornalha em que vamos entrar. Em 1914-1918 morreram uns dez ou doze milhões de pessoas. Agora morrerá muito mais gente. **Mas pode ser que a mortandade dê assunto para uns dois ou três romances – e tudo estará muito bem. Por aí você vê que eu sou um monstro ou um idiota. [...] Somos uns animais diferentes dos outros**, provavelmente **inferiores** aos outros, duma sensibilidade excessiva, duma vaidade imensa que nos afasta dos que não são **doentes** como nós. Mesmo os que são doentes, os degenerados que escrevem história fiada, nem sempre nos inspiram simpatia: é necessário que a doença que nos ataca atinja outros com igual intensidade para que vejamos nele um irmão e lhe mostremos as nossas chagas, isto é, os nossos manuscritos, as nossas misérias, que publicamos cauterizadas, alteradas em conformidade com a técnica. Tudo isto é muito pedante e muito besta, mas é continuação de umas cartas que escrevi ao Oscar Mendes e ao Jaime de Barros [...]. (RAMOS, G., 2011, p. 195-197, grifos meus).

Arrisco a aproximar esse olhar de Graciliano Ramos acerca do escritor enquanto um doente, um animal inferior ou mesmo monstro, ao do poeta de Itabira, em cujos célebres versos do “Poema de sete faces” lemos: “Quando nasci, um anjo torto/ Desses que vivem na sombra/ Disse: Vai, Carlos, ser gauche na vida! [...]” (ANDRADE, 1967, p. 53). A palavra “gauche”, de origem francesa, que significa “esquerdo”, está ligada, na poesia drummondiana, à inépcia do escritor que, canhestro, se distancia da e confronta a realidade: “[...] Mundo mundo vasto mundo,/ se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução/ Mundo mundo vasto mundo/ mais vasto é o meu coração [...]” (ANDRADE, 1967, p. 53). Tanto o romance como a carta de Graciliano são tal a referida poesia de Carlos Drummond de Andrade: mais do que um meio de comunicação, é meio de expressão e reflexão e revela a sensibilidade excessiva de que o próprio autor de *Angústia* fala, que o faz perceber o mundo de maneira diversa dos demais, tais os jornalistas “mineiros” que ele chama de “leprosos” e com quem ele também troca correspondências (RAMOS, G., 2011, p. 195); tal o poeta itabirano: “Eu não devia te dizer/ mas essa lua/ mas esse conhaque/ botam a gente comovido como o diabo” (ANDRADE, 1967, p. 53).

Em carta anterior, de 30 de março de 1935, também à Ló, Graciliano conta que acabara de receber uma carta do editor Gastão Cruls, responsável pela primeira edição de *S. Bernardo* (1934), contendo dois artigos, publicados no *Folha de Minas*, sobre o seu segundo romance. Um deles é justamente o de Oscar Mendes, de 17 de janeiro de 1935, sob o título “Egoísmo”; o outro, do paraense Antonio Favernand, de 3 de março de 1935, é o “S. Bernardo”.

É verdade que nem Oscar Mendes nem Jaime de Barros (citado na primeira carta) eram mineiros. Antes eram colaboradores de jornais de Minas Gerais, ainda que se deva pontuar o estreitamento daquele com o referido estado, pertencendo inclusive à Academia Mineira de Escritores. Mas, voltemos às correspondências. Na segunda carta datada de 3 de abril de 1935, Graciliano Ramos volta a falar à Ló que é necessário escrever “[...] a essa gente de Minas agradecendo tanta gentileza”, corresponder-se com os mineiros, “excelentes”, de “dois jornais camaradas” (RAMOS, G., 2011, p. 198). E assim o faz, escrevendo a Oscar Mendes em carta

datada de 5 de abril de 1935,⁹ agradecendo e elogiando o artigo sobre *S. Bernardo* e tecendo comentários sobre sua concepção de escrita a partir da crítica do jornalista:

[...] Estou de acordo com o senhor em várias das afirmações que faz no seu excelente artigo. [...] **Acho, como o senhor, que transformar a literatura em cartaz, em instrumento de propaganda política, é horrível. Li umas novelas russas, modernas, e, francamente, não gostei.** [...] A verdade é que [...] o romance virou artigo de fundo e descambou em noticiário. Quanto a mim, penso como um dos meus personagens: “A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa”. [...] O senhor não quer nenhuma revolução. Eu desejo que as coisas mudem, embora me pareça que isto não me trará vantagem. Pergunto a mim mesmo que trabalho me dariam se o cataclismo que espero chegasse agora. Não sendo operário, não poderia fabricar nenhum objeto decentemente. Faria um livro, com dificuldade, matutando, trocando palavras. Mas hoje existe o romance-cenário, que pretende ser uma espécie de literatura. Li um deles, russo, traduzido em francês, horrível. Junto a isso de nada serviriam as minhas letras, aprendidas no tempo em que a gente estudava Balzac.

Creio que a revolução social me levaria à fome e ao suicídio. Mas como, segundo o evangelho, nem só de literatura vive o homem, é razoável que se procure o bem-estar dos outros trabalhadores. Além disso, pode ser que o romance-artigo de fundo e o romance-noticiário sejam realmente, depois de aperfeiçoados, melhores que os antigos, extensos demais, pesadões. Quem sabe? [...]. (RAMOS, G., 1935, p. 39, grifos meus).

Diante deste trecho, em que Graciliano defende o bem-estar dos outros trabalhadores, mesmo entendendo que a revolução social lhe traria sérios prejuízos, por não saber fazer outra coisa que escrever e por não submeter a sua escrita à panfletagem política, retomamos a carta que abre esta seção para destacar que a doença que acometia o autor tinha nome: ética. Uma ética que passava o homem e a obra.

⁹ Ainda inédita em livro, a carta foi publicada no Dossiê Graciliano Ramos da *Revista Cult* (2018), por ocasião dos oitenta anos da obra *Vidas Secas*. Pertence ao Acervo do IEB-USP.

Aliás, essa postura de ir contra os totalitarismos, contra as inverossimilhanças, claro, rendeu ao autor de *S. Bernardo* algumas dissonâncias com o PCB, ao qual se filiou em 1945, uma das quais registrada em missiva de 1º de maio de 1952, de Moscou, aos filhos Clara, Luísa e Ricardo: “[...] Enquanto as organizações operárias desfilavam, Kalugin perguntou-me quais os meus livros que deviam ser traduzidos em russo. Talvez nenhum, respondi. E expliquei a minha divergência com o pessoal daí.” (RAMOS, G., 2011, p. 298).

O PCB tinha o intuito de fazer propaganda política por meio de publicações literárias de seus filiados e simpatizantes e, por isso, patrocinava viagens à União Soviética. O relato de Graciliano é escorregadio, apesar dos elogios aos países comunistas. Leia-se uma rápida passagem de *Viagem*, em que registra sua experiência na “Rússia e em **outros lugares medonhos**” (RAMOS, G., 1972c, p. 17, grifos meus):

[...] Sinto-me no dever de narrar a possíveis leitores o que vi além dessas portas, sem pretender de nenhum modo cantar loas a União Soviética. Pretendo ser objetivo, não derramar-me em elogios, não insinuar que, em trinta e cinco anos, a revolução de outubro haja criado um paraíso, com as melhores navalhas de barba, as melhores fechaduras e o melhor mata-borrão. [...] tenho o intuito de não revelar-me parcial em demasia. (RAMOS, G., 1972c, p. 18-19).

Segundo Clara Ramos, uma das filhas de Graciliano, a literatura do pai “[...] foi julgada por um congresso do Partido Comunista Brasileiro como literatura burguesa e decadente justamente por ser considerada uma literatura que se preocupava demais com a forma”. (RAMOS, C., 1987, p. 330). Aliás, também em seus discursos políticos, o autor, enquanto candidato a deputado federal de Alagoas, pelo PCB, também não fazia concessões. Em carta de 12 de outubro de 1945, quando então participava de comícios no Rio de Janeiro, o autor escreve ao filho Júnio:

[...] Afirma a reação que a massa é estúpida, insensível, e por isso devemos oferecer-lhe chavões e bobagens rudimentares. Resolvi não fazer ao público nenhuma concessão: escrevi na minha prosa ordinária, que, se não é natural, pois a linguagem escrita não pode ser natural, me parece compreensível. [...] Decidi, pois, falar num discurso como falo nos livros. Iriam entender-me? [...] Era arriscado. Aceitaria a multidão essa literatura sem metáforas e

crua? Além disso Deus me deu uma figura lastimosa, desagradável, cheia de espinhos. Com essas desvantagens, senti-me apoiado logo nas primeiras palavras, e conversei como se estivesse em casa. [...] Os homens dos morros [...] manifestaram-me simpatia inesperada. É inútil, porque não pretendo ser ator. Estou velho para mudar de profissão. (RAMOS, G., 2011, p. 283- 284).

Voltando à correspondência remetida a Oscar Mendes, outro ponto a ser destacado é o posicionamento crítico quanto ao romance de 1930, produzido no Nordeste brasileiro:

[...] O que é certo é que não podemos honestamente apresentar cabras de eito, homens da bagaceira, discutindo reformas sociais. Em primeiro lugar, essa gente não se ocupa com semelhante assunto; depois os nossos escritores, burgueses, não poderiam penetrar a alma dos trabalhadores rurais.

Lins do Rego, que nasceu em engenho, apresentou alguns aspectos, mas ligeiramente. O que lhe interessa é o sofrimento do pequeno-burguês, decadente e cheio de fumaças, ignorante, vaidoso, inútil. Rachel de Queiroz tem algumas cenas de cadeia da roça, benfeitas, mas é possível que ali haja muita imaginação. Julgo que ninguém conhece bem a vida dos nossos matutos. Essas criaturas falam pouco diante de pessoas estranhas, são acanhadas. E não creio que existe nelas a consciência de classe a que Jorge Amado se refere. Vivi trinta anos em cidade pequena — não vi nada que se parecesse com revolta. Se ainda tentasse escrever um romance, provavelmente não me afastaria da gente mesquinha que há nos meus dois livros. É uma tristeza mexer com ela, mas não conheço outra. Suponho, porém, que não há perigo: não teremos reincidência. (RAMOS, G., 1935, p. 39).

Como dito, a ideia deste artigo é estabelecer o diálogo entre as várias correspondências de Graciliano Ramos e contemplar, por exemplo, a “derrapagem da pena”, como diria Silviano Santiago (2006, p. 64). Lemos, a 22 de abril do mesmo ano, que Graciliano, cerca de cinco meses antes, já estava fabricando outro romance, que viria a ser publicado como *Angústia*, e que justamente Rachel de Queiroz, citada na carta ao “mineiro de Pernambuco”, já lera alguns dos capítulos, achando-os excelentes (RAMOS, G., 2011, p. 187). Além disso, é recorrente nas epístolas de Graciliano Ramos, em especial as escritas ao tradutor argentino Benjamín de Garay, a referência aos supracitados

autores nordestinos, contudo, noutra tom, geralmente promovendo-os como os melhores exemplos da ficção que tinham surgido nos “últimos dez anos, da Bahia até o Ceará”, como na carta de 30 de setembro de 1935 (MAIA, 2008, p. 26). Era preciso que Garay soubesse que, em termos de literatura brasileira, a “[...] literatura do Nordeste est[ava] se afastando muito da do resto do país. [Era] conveniente que [ele fizesse] relação entre Lins do Rego, Jorge Amado e Rachel, três romancistas muito interessantes, muito inteligentes” (MAIA, 2008, p. 26). O próprio Graciliano foi responsável por estabelecer a comunicação de Garay com os referidos romancistas que lhe remeteriam os seus respectivos livros: José Lins do Rêgo enviaria *Banguê*; Rachel de Queiroz, *O quinze* ou *João Miguel*; e Jorge Amado, *Jubiabá*, como nos mostram a já citada carta e outra, de 13 de dezembro de 1935 (MAIA, 2008, p. 28).

A admiração pela tríade se firma ainda num projeto literário que inclui o mineiro Aníbal Machado. Os cinco produziram conjuntamente o romance *Brandão entre o mar e o amor*, publicado em 1942. Apesar da admiração e promoção dos autores nordestinos, Graciliano Ramos, mais de uma vez, pôs em xeque essa mesma produção, como em relação à *Usina* (1936), de José Lins do Rêgo, que trata de uma prisão em Fernando de Noronha, quando ele jamais esteve na ilha ou preso (RAMOS, G., 1972b, p. 206-207); ou a *Suor*, de Jorge Amado (1972a, p. 107-111).

Esse olhar crítico e analítico sobre a Literatura nacional está também expresso em missiva de 28 de janeiro de 1936, à Heloísa, quando Graciliano pede notícias de Maria Antônia, personagem de uma narrativa que a esposa estaria escrevendo:

[...] Mande-me notícias de Maria Antônia. Pergunta-me se essa criatura deve falar como toda a gente. Está claro. Pois havia de usar linguagem diferente? Falar como as outras pessoas, sem dúvida. **Foi o palavreado difícil de personagens sabidos demais que arrasou a antiga literatura brasileira. Literatura brasileira uma ova, que o Brasil nunca teve literatura. Vai ter de hoje em diante.** E você deve trabalhar para que Maria Antônia entre nela. Veja se consegue pegar a vida dela, a do curandeiro, isso que aí deixamos assentado. (RAMOS, G., 2011, p. 217, grifos meus).

Encontramos nesse trecho a consciência modernista de Graciliano Ramos acerca da linguagem. Entre as reivindicações dos modernistas de 1922, herdadas pela geração de 1930, Bosi destaca: “[...] a ‘descida’ à

linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos” (BOSI, 1994, p. 385). Aliás, antes mesmo de serem publicados *Caetés* e *S. Bernardo*, em 1º de novembro de 1932, outra carta, também remetida à Heloísa, reforça essa herança:

O *S. Bernardo* está pronto, mas foi escrito quase todo em português, como você viu. Agora está sendo traduzido para brasileiro, um brasileiro encrencado, muito diferente desse que aparece nos livros da gente da cidade, um brasileiro de matuto, com uma quantidade enorme de expressões inéditas, belezas que eu mesmo nem suspeitava que existissem. Além do que eu conhecia, andei a procurar muitas locuções que vou passando para o papel. O velho Sebastião, Otávio, Chico e José Leite me servem de dicionários. O resultado é que a coisa tem períodos absolutamente incompreensíveis para a gente letrada do asfalto e dos cafés. [...] **Sendo publicada, servirá muito para a formação, ou antes fixação, da língua nacional. Quem sabe se daqui a trezentos anos eu não serei um clássico?** Os idiotas que estudarem gramática lerão *S. Bernardo*, cochilando, e procurarão nos monólogos de Paulo Honório exemplos de boa linguagem. (RAMOS, G., 2011, p. 179, grifos meus).

Graciliano só erraria, em seu vaticínio, em relação ao tempo necessário para fazer de *S. Bernardo* um clássico: muito antes dos trezentos anos. Dessa interessante carta, vale destacar parte do processo de criação do segundo romance de Graciliano, cuja maior fonte é a conversa, desde pessoas de seu círculo familiar, como o pai, Sebastião, e o cunhado, José Leite, a fazendeiros, políticos e comerciantes em Palmeira dos Índios. Esse processo que envolve a pesquisa, a escrita em português e a reescrita em “brasileiro encrencado”, está intrinsecamente relacionado ao esforço, desde a Semana de 1922, em formar e fixar uma língua nacional, a língua de um povo verdadeiramente brasileiro. Graciliano Ramos se insere nesse contexto, da desconstrução, da inovação, do desejo de mudança, de explodir os limites da linguagem, conforme observa a escritora argentina Florencia Garramuño (2010, p. 90), tradutora de *Vidas Secas* para o espanhol (2001),¹⁰ para quem as décadas de 1920

¹⁰ O supracitado artigo da autora, traduzido na *Crítica cultural* (2010), abre a edição espanhola de *Vidas Secas* (Buenos Aires: Corrigidor, 2001).

e 1930 compartilham de uma mesma “ânsia modernizadora”, de uma “necessidade de nacionalizar a cultura”:

[...] a narrativa de Graciliano Ramos não somente supõe [uma] revolução prévia, não somente se constrói sobre essa primeira operação de despojamento da escrita possibilitada pelo Modernismo, como também introduz, enquanto corte crítico radical, um impacto de iguais ou maiores consequências dramáticas, onde a suposta representação de uma realidade regional acompanha uma tensão modernizadora às vezes tão violenta quanto a que os modernistas paulistas imprimiram à tradição brasileira. (GARRAMUÑO, 2010, p. 90).

Como já pude notar em outro texto (SCHMITZ, 2019), Garramuño chega mesmo a comparar a atitude literária de Graciliano à de Oswald de Andrade. A escrita enquanto transgressão faz com que, no limite, conforme analisa Garramuño (2010, p. 94), Graciliano inicie “[...] o cancelamento do modernismo brasileiro”. O texto sobre o qual Garramuño se debruça é *Vidas Secas* cuja produção pode ser acompanhada por algumas cartas a Garay (MAIA, 2008) e à Heloísa (RAMOS, G., 2011), mas também numa a Octavio Dias Leite, datada de 3 de setembro de 1937:

Só agora dou resposta à sua última carta. É que não lhe queria aparecer com as mãos limpas. Vai uma nota para o Surto, uma coisa sobre o último livro do Oswald de Andrade. Escrevi hoje ao Bezerra e disse que não lhe tinha mandado coisa nenhuma. Depois é que me lembrei de fazer um troço sobre o teatro do Oswald. Se não chegar a tempo, entrará no outro número. Relativamente à viagem, essa encrocada viagem, falei ontem ao Cyro dos Anjos, e pedi desculpas por não poder ir agora. Vocês vão ter paciência e perdoar-me. Estou horrivelmente ocupado, e a literatura nacional não consente que eu tome uma semana de férias. **Preciso acabar as minhas Cardinheiras. Parece que vai ser este o título do romance.** Enfim não posso afastar-me. **Tranco-me neste quarto horrível e fabrico as coisas mais disparatadas, umas encomendas que entrego aos patrões em dias certos.** Você vê que a minha indústria é antiquíssima, certamente não me aguentarei. Estou [no] artesanato, e isto é o diabo. **Felizmente à noite eu trabalho no romance, que não é mercadoria. Não é por enquanto. Mas, depois de feito, será vendido aos pedaços e por**

atacado. É uma infelicidade. E nem sequer temos um mercado razoável. [...]. (RAMOS, G., 1937b, grifos meus).

Desta interessante epístola, há que se destacar a amizade com mais dois mineiros, o destinatário da carta e Cyro dos Anjos¹¹; a colaboração de Graciliano para o jornal literário *O Surto*, do qual Octavio era o diretor àquela data, com um artigo que seria publicado na edição de 19 de junho de 1938, no *Diário de notícias* e posteriormente compilado em *Linhas tortas* (1962); e os bastidores da criação do que viria a se constituir como *Vidas Secas* (1938). Sobre esse último ponto, já é de largo conhecimento daqueles que se ocupam da obra de Graciliano Ramos, a existência de uma folha de rosto das provas tipográficas do romance estampando o título *O mundo coberto de penas riscado*, tendo logo abaixo, escrito em letra cursiva, o título final¹². A carta mostra que a indecisão era ainda anterior, mas se concentrava na imagem do mau agouro das aves de arrição, as *Cardinheiras*. Em relação ao primeiro dos títulos, é interessante observar que tanto *O mundo coberto de penas* como *Vidas Secas* ampliam, pela polissemia, a desolação causada pela estiagem. Para além do título, temos ainda delineado o processo de feitura da obra como sendo um trabalho noturno e prazeroso, em contraponto às demais produções, feitas sob encomenda para jornais diversos; e a expectativa de distribuição do romance.

Outra vez, são as próprias correspondências do autor que o traem. Vejamos esta, de 8 de dezembro de 1937, do velho Graça a Garay, e percebamos a contradição:

[...] O meu plano foi este, meu caro Garay: fiz uma série de contos com os mesmos personagens. Nada de originalidade, **questão de pecúnia, somente**: os contos poderão ser publicados em jornal, o que não aconteceria se eu lhe enviasse capítulos de romance. Cada história começa e acaba, naturalmente, sem prejuízo para o leitor, mas todos juntos formam um romance, que não edito agora porque o público tem coisas muito sérias em que pensar e não perde tempo com literatura. (MAIA, 2008, p. 67, grifos meus).

¹¹ O AEM mantém acervos tanto de Octavio Dias Leite como de Cyro dos Anjos. Além das coleções bibliográficas e documentais, há ainda a reprodução do ambiente de trabalho dos escritores, com mobiliário e objetos pessoais. (ACERVO..., 2019).

¹² A referida folha de rosto abre a edição comemorativa de oitenta anos de *Vidas Secas*.

Apesar de, na missiva a Octavio Dias Leite, Graciliano já expressar a sua intenção de distribuir o romance a conta-gotas na imprensa, com fins de monetização, há uma espécie de desdém, a ocultação da admiração e do deleite que o processo de criação lhe rendeu. A primeira dessas histórias enviada a Garay é “Baleia”, em carta de 11 de maio de 1937:

[...] remeto-lhe outra história, um negócio de bicho, de alma de bicho. Será que bicho tem alma? Deve ter qualquer coisa parecida com isso, qualquer coisa que dê para a gente receber um cheque. Tenha a bondade de examinar essa questão psicológica e financeira, meu caro Garay. Veja se a alma da minha cachorra vale alguns pesos aí numa redação ou em sociedade protetora de animais. (MAIA, 2008, p. 49).

A história da alma da cachorra já aparecera em correspondência à Ló, quatro dias antes, deixando-nos a par de que a ordem da escrita dos contos difere da ordem estabelecida enquanto romance: “[...] Escrevi um conto sobre a morte duma cachorra, um troço difícil, como você vê. Será que há mesmo alma em cachorro? Não me importo. O meu bicho morre desejando acordar num mundo cheio de preás.” (RAMOS, G., 2011, p. 276). “Baleia” será o nono capítulo de *Vidas Secas*.

Segundo Dênis de Moraes (2012), um dos biógrafos de Graciliano, a narrativa de Baleia trouxe certo desconforto ao autor diante dos amigos:

[...] Cem dias depois de ter sido posto em liberdade, Graciliano iniciou um novo projeto literário. Escrevera um conto baseado no sacrifício de um cachorro, que presenciara, quando criança, no Sertão pernambucano. [...] Depois de mandar o conto “Baleia” para o suplemento literário de *O Jornal*, ele se arrependeu, achando que não tinha qualidade. Mas não sustou a publicação, porque precisava dos 100 mil-réis. Pelo mesmo motivo, enviou cópia para Benjamín de Garay, que lhe pedira “contos regionais, umas histórias do Nordeste”.

Os habituês da Livraria José Olympio estranharam o sumiço de Graciliano. Pode parecer irreal, mas o fato é que, por uns dois ou três dias, o nosso romancista não colocou os pés fora da pensão. Tinha-se convencido de que dera um escorregão com o conto da cachorra (MORAES, 2012, p. 158).

Há uma possibilidade de esta afirmação ter se pautado numa carta de 22 de abril de 1937, em que consta a seguinte confissão de Graciliano à

Heloísa: “[...] Domingo saiu um troço na primeira coluna do *O Jornal*, **com duas ilustrações do Santa Rosa**. A primeira ilustração é ótima. A história é que é infame. Depois da publicação meti-me em casa para não ouvir falar naquilo.” (RAMOS, G., 2011, p. 273-274, grifos meus). Contudo, arrisco-me a apontar a carta de 11 de abril de 1937 como contraponto, pois que Graciliano escreve: “Consertei uma daquelas **histórias de hospital** e mandei tirar duas cópias. **Uma foi para *O Jornal* e o Santa já a recebeu para fazer as ilustrações. Deve sair no outro domingo**” (RAMOS, G., 2011, p. 270, grifos meus). O “troço” que saiu n’*O Jornal*, do dia 18 de abril de 1937, foi “Paulo” (RAMOS, G., 1937c),¹³ não “Baleia”, publicado no mesmo jornal apenas em 23 de maio daquele ano, sem ilustração (RAMOS, G., 1937a). Além disso, em pelo menos sete cartas escritas a Garay, Graciliano faz referência positiva ao conto “Baleia”. Na já citada missiva de 8 de novembro de 1937, o alagoano julga que Garay não gostou da sua “Baleia”, e lamenta: “É uma pena, pois não tenho nada melhor que essa cachorra.” (MAIA, 2008, p. 59). Um mês depois, Graciliano reitera o julgamento negativo de Garay quanto ao seu conto e escreve: “[...] *Baleia* é uma cachorra direita, se não me engano. Vamos ver se, em companhia da família sertaneja, esse infeliz animal lhe causa melhor impressão.” (MAIA, 2008, p. 67) – similar afirmação aparece também em carta de 27 de maio de 1938 (MAIA, 2008, p. 76). Toda essa insistência além de elucidar a questão posta por Dênis de Moraes, reforça o carinho que Graciliano dispensava a “Baleia”, conto e animal, afinal: “O [seu] bicho morre desejando acordar num mundo cheio preás. Exatamente o que todos nós desejamos.” (RAMOS, G., 2011, p. 276). Trecho este que, pela universalização, não só aproxima homem e animal, como, outra vez, revela a questão ética que atravessa a estética graciliana.

Voltando à questão da distribuição de *Vidas Secas* vista na carta de Octavio Dias Leite, pontue-se que o mesmo procedimento foi feito com *Infância*, como mostra a carta de 12 de outubro de 1945, endereçada ao filho Júnio Ramos: “[...] Se fizer o livro [*Memórias do cárcere*], poderei publicá-lo no jornal de Santos, antes de entregá-lo ao editor. Mandarei os capítulos à medida que forem sendo feitos. Foi o que fiz com *Infância*.” (RAMOS, G., 2011, p. 285). Isso se deveu aos problemas financeiros por que passou Graciliano após a prisão, em 1936, sobre a qual discorrerei adiante.

¹³ “Paulo” e “Baleia”, publicados n’*O Jornal*, podem ser conferidos na hemeroteca digital da BN.

Publicado somente em 1945, a concepção do livro sobre os primeiros anos de vida do autor, surge em 26 de janeiro de 1936, num momento de inspiração arrebatador:

[...] Um dia destes, no banheiro, veio-me de repente uma ótima ideia para um livro. Ficou-me logo a coisa pronta na cabeça, e até me apareceram os títulos dos capítulos que escrevi quando saí do banheiro, para não esquecê-los. Aqui vão eles: *Sombras, O inferno, José, As almas, Letras, Meu avô, Emilia, Os astrônomos, Caveira, Fernando, Samuel Smiles*. Provavelmente me virão ideias para novos capítulos, mas o que há dá para um livro. Vou ver se consigo escrevê-lo depois de terminado o *Angústia*. Parece que pode render umas coisas interessantes. (RAMOS, G., 2011, p. 217-218).

Infância rendeu muito mais do que “umas coisas interessantes”, como atesta carta de 26 de agosto de 1945, de nosso já citado poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade:

Meu caro e grande Graciliano: Até o mais espinhoso dos amigos – ou dos críticos – reconhecerá em *Infância* a obra de arte que ela realmente é. Nada lhe falta, nada lhe sobra. A palavra justa exprimindo sempre uma realidade psicológica ou ambiente; a notação precisa, a dosagem sábia, a economia absoluta de efeitos, notações, recursos. Enfim, um desses livros que a gente desejaria ter tutano para escrever, e que lê com uma admiração misturada de raiva pelo danado que conseguiu compô-la: raiva que é o maior louvor, tanto vem ela impregnada de entusiasmo e prazer. Obrigado pelo exemplar que você me deu. Um grande presente. E um abraço solidário. (ANDRADE, 1945).¹⁴

O poeta gauche teve importante papel na vida de Graciliano Ramos. Não nos esqueçamos de que Ricardo Ramos ficou incumbido de transmitir, em nome de seu pai, os agradecimentos a Drummond (e ao editor Schmidt). Os agradecimentos deveram-se ao apoio às comemorações do seu sexagésimo aniversário, ao qual, por motivos de saúde, Graciliano não pôde ir. Apesar de, na carta de 3 de março de 1937, lermos que a primeira impressão de Graciliano ao conhecer Drummond foi a de que ele era “[...] um sujeito seco, duro como um osso” (RAMOS,

¹⁴ Manuscrito consultado na FCRB, em 08 de maio de 2017. Arquivo Museu-Literatura Brasileira, Graciliano Ramos (AML – Ramos, Graciliano).

G., 2011, p. 250), foi o autor de *Sentimento do mundo* o responsável por colocar Graciliano como inspetor federal do ensino secundário do Rio de Janeiro, auxiliando-o, dessa forma, na complicada tarefa de cavar a vida.

Tal dificuldade financeira em que vivia Graciliano, logo após ser posto em liberdade, é melhor expressa por ele próprio em carta de 29 de agosto de 1938, jamais remetida ao seu algoz, Getúlio Vargas:

[...] Em princípio de 1936 eu ocupava um cargo na administração de Alagoas. Creio que não servi direito: por circunstâncias alheias à minha vontade, fui remetido para o Rio de maneira bastante desagradável. Percorri vários lugares estranhos e conheci de perto vagabundos, malandros, operários, soldados, jornalistas, médicos, engenheiros e professores da universidade. Só não conheci o delegado de polícia, porque se esqueceram de interrogar-me. Depois de onze meses abriram-me as grades, em silêncio, e nunca mais me incomodaram. Donde concluo que a minha presença aqui não constituía perigo. [...]. (RAMOS, G., 1938).

Posto em liberdade, no Rio de Janeiro, Graciliano sublinha que lhe tiraram o emprego anterior, não o restituíram a Maceió e sequer lhe posicionaram no mercado de trabalho. A pena irônica de Graciliano arrisca o motivo pelo qual ele teria sido considerado subversivo e, por isso, encarcerado:

[...] Ignoro as razões por que me tornei indesejável na minha terra. Acho, porém, que lá cometi um erro: encontrei vinte mil crianças nas escolas e em três anos coloquei nelas cinquenta mil, o que produziu celeuma. Os professores ficaram descontentes, creio eu. E o pior é que se matricularam nos grupos da capital muitos negrinhos. Não sei bem se pratiquei outras iniquidades. É possível. Afinal o prejuízo foi pequeno, e lá naturalmente acharam meio de restabelecer ordem. [...] (RAMOS, G., 1938).

Condenado ao cárcere e depois ao desemprego, Graciliano escreve que não lhe restou alternativa senão adotar, “[...] em falta de melhor, uma profissão horrível: esta de escrever, difícil para um sujeito que em 1930 era prefeito na roça”. Situação já observada sarcasticamente em carta de 22 de abril de 1937, a Garay:

[...] Você me desculpará este silêncio, meu caro Garay. É que ando aperreado, chateado, indignado com a obrigação de pagar casa, comida, bonde, roupa, café e outras inconveniências. Eu

vivia livre de todos esses aborrecimentos. O governo do meu país é um governo sábio e algumas vezes nos fornece mesa, cama, transporte e boas conversas, tudo de graça. Você não acha que é safadeza sustentar um cidadão durante um ano e de repente mandá-lo embora, desempregá-lo sem motivo? Foi o que me aconteceu. Eu estava quase habituado, considerava-me, com certa vaidade, hóspede oficial, membro de uma instituição respeitável e necessária ao preparo de eleições e outros jogos nacionais. Infelizmente a minha reduzida pessoa foi julgada inútil a essa trapalhada – e o governo, por economia, me cortou os meios de subsistência. Agora preciso dar dinheiro à mulher da pensão e aumentar os lucros da *Light*¹⁵ (MAIA, 2008, p. 45).

Retomando a carta escrita a Getúlio, Graciliano, em seguida, toma o ditador como seu “colega de profissão” por este ter publicado, pela Editora José Olympio – a mesma que ironicamente publicou *Angústia* enquanto Graciliano esteve preso –, uma coletânea de discursos, com tiragem recorde de cinquenta mil exemplares. Graciliano ali deixa claro que o único encontro possível entre os dois é a vitrine da livraria. A partir disso, o autor de *S. Bernardo* aborda a questão dos mecanismos de difusão editorial, juntamente ao julgamento bastante questionável da crítica literária. Acerca da exportação de literatura, especificamente, as correspondências de Graciliano também escritas a Garay servem-nos como diálogo. Antes mesmo da prisão, em 17 de agosto de 1935, Graciliano admira o trabalho que Garay, desde 1914, tinha “[...] tido para aproximar os brasileiros dos hispano-americanos” (MAIA, 2008, p. 23). Na correspondência de 30 de setembro de 1935, critica o fato de que uma obra, para ter vulto no Brasil, precise antes ser traduzida (MAIA, 2008, p. 26). E em 13 de maio de 1937, quando já estava em liberdade, Graciliano declara:

[...] a literatura é coisa pouco mais ou menos inútil. Não pensamos assim, mas devemos estar em erro: a sua editora arrasta-se com dificuldade, a Academia trata de ortografia, os escritores brasileiros morrem de fome ou são funcionários. O próprio Lobato ocupa-se com petróleo. E faz bem. [...] O que o Lobato diz a respeito dos *Sertões* é novidade para mim. Então essa obra está encalhada? Eu pensava que o Governo do meu país lhe tinha

¹⁵ *Light*: Concessionária de energia elétrica no estado do Rio de Janeiro.

oferecido os recursos necessários para publicá-la. É o diabo. Os inimigos da ordem roubam um tempo precioso aos nossos homens públicos, que, impressionados com o extremismo, não fazem nada. Paciência. Os argentinos não lerão a história de Canudos, mas ficarão sabendo que Deus, a pátria e a família existem no Brasil. (MAIA, 2008, p. 53).

O autor de *Vidas Secas* faz duras críticas à Academia Brasileira de Letras, distante da Literatura, e ao que se configuraria como Estado Novo (1937-1945). Em relação ao primeiro ponto, Graciliano expressa indignação também em missiva remetida a Wilson Martins, de 16 de abril de 1945:

Escrevi a quasi tôdas as academias de letras do país – e nenhuma delas me deu resposta. Natural. Com certeza pensaram: – “Estamos ocupados em negócios importantes, e esse vagabundo vem amolar-nos com tolices” (RAMOS, G., 1945).

Por volta de 1944, Graciliano estava envolvido num projeto da Livraria-editora Casa dos Estudantes do Brasil: publicar uma seleção de contos brasileiros, segundo critérios regionais.¹⁶ Assim, envia cartas a alguns críticos,¹⁷ a Academias de Letras do país, a diretorias de instrução pública e também a alguns familiares, como a nora Natália,¹⁸ a quem Graciliano agradeceu pela remessa dos contos goianos em correspondência de 12 de outubro de 1945 (RAMOS, G., 2011, p. 286). A Wilson Martins, em carta de 24 de novembro de 1944, o autor pediu contos paranaenses com as respectivas datas de publicação (RAMOS, G., 1944a); e, devido à falta de colaboração de seus outros remetentes, agradece, na missiva de 18 de dezembro de 1944, o interesse a ele dispensado (RAMOS, G., 1944b).¹⁹ Nas três correspondências remetidas ao crítico literário,²⁰ fica clara a preocupação de Graciliano em buscar nos

¹⁶ Esta viria a ser publicada apenas postumamente, em 1947, e incluiu o conto “Minsk”, de Graciliano Ramos, selecionado por Aurélio Buarque de Hollanda, a pedido de Ricardo Ramos.

¹⁷ Segundo Lebensztayn (2014, p. 148), há no IEB-SP, a esse respeito, cartas a Carlos de Gusmão, de Alagoas; e Paulo Augusto de Figueiredo, inéditas.

¹⁸ Natália Alves Ferreira Ramos: esposa de Júnio Ramos.

¹⁹ Na missiva de 16 de abril de 1945, Graciliano agradece ao crítico pela remessa do conto “Pau-dos-Ferros”, de Brasília Itiberê, que entrou no volume “Sul” da *Seleção*.

²⁰ Todas foram consultadas na FCRB, em 08 de maio de 2017. AML – Ramos, Graciliano.

meandros do país a produção literária que se produziu, não só a partir do já conhecido, mas também daqueles anônimos, sufocados pelos jornais do interior, de modo que esclarece ao crítico que não se trata de “[...] exibir uma coleção de obras-primas. O intuito [era] dar ao leitor uma impressão de conjunto” (RAMOS, G., 1944a).

Sobre o regime getulista, por sua vez, importante salientar que o Estado Novo mantinha um sistema de cooptação de literatos e artistas que, não podendo encontrar apenas na publicação de livros e obras de arte o seu sustento financeiro, trabalhavam como funcionários públicos e escreviam para revistas do próprio governo. Nesse aspecto, além da nomeação, em 1939, conseguida por Drummond – também ele funcionário público –, Graciliano Ramos contribuiu como redator de artigos e revisor da *Cultura Política*, entre março de 1941 e maio de 1943. Impossível viver só de Literatura, como afirmou Nelson Werneck Sodré (1970, p. 289). Também enviando textos para a referida revista do DIP, e tendo o pagamento atrasado, o autor de *Memórias de um escritor* escreveu a Graciliano – “[...] amigo certo e conhecedor dos bastidores daquela publicação” (SODRÉ, 1970, p. 289) – que, em carta de 29 de março de 1943, responde-lhe, inclusive, trazendo essa discussão acerca das contradições que envolviam a ditadura e a cena literária:

Meu caro Nelson. [...] Não dei logo resposta porque ando cheio de obrigações horríveis e o jeito que tenho é virar selvagem. V. me desculpará e, desejando qualquer coisa daqui, não deixará de escrever-me algumas linhas. [...] Agora houve um atraso de cinco a seis meses na tesouraria, o que desgostou e afastou diversos colaboradores. Aqui só existe um original seu (*Sentimento de Nacionalidade na Literatura Brasileira*), que há dias foi para a composição. Os últimos artigos saíram nos números 18 e 19, parece. [...] Adeus, caro Nelson. Esta literatura vai ficando medonha. Já tivemos um romance oficial, aprovado num Ministério, com informações, pareceres, despacho, em papel selado, etc. Para onde vamos, seu Nelson? Um abraço do Graciliano. (SODRÉ, 1970, p. 289-290).

Entre as contradições, pontue-se que Graciliano, na ocasião em que conhecera Drummond, inscrevia *A terra dos meninos pelados* no Concurso de literatura infantil promovido pelo Ministério da Educação e Saúde no qual o poeta gauche trabalhava, rendendo-lhe um prêmio, em 1937. Assim, podemos voltar à correspondência escrita a Getúlio a

fim de pensarmos na questão específica de que ela jamais foi remetida ao destinatário.

Italo Calvino (2000), em “La Poubelle agréée”, promove uma reflexão aproximando o ato da escrita do de jogar fora o lixo de nossas casas. Para o autor de *Por que ler os clássicos*, a escrita é um dos gêneros do lixo doméstico:

[...] Compreendo agora que deveria ter começado meu relato distinguindo e comparando dois gêneros de lixo doméstico, produtos da cozinha e da escrita, a lata de lixo e o cesto de papéis. E também distinguindo e comparando o diferente destino daquilo que cozinha e escrita não jogam fora: a obra; a da cozinha, comida, assimilada em nossa pessoa, e a da escrita, que, uma vez terminada, já não faz parte de mim e que ainda não podemos saber se vai se tornar alimento de uma leitura alheia, de um metabolismo mental, quais transformações sofrerá passando através outros pensamentos, quanto transmitirá de suas calorias, e se tornará a colocá-las em circulação, e como. (CALVINO, 2000, p. 100).

Assim, parafraseando o escritor italiano, quando escrevemos, afastamos de nós um montão de folhas amassadas e uma pilha de folhas escritas até o fim, umas e outras já não nossas, depostas, expulsas (CALVINO, 2000, p. 100). E, seguindo esse viés, penso que a carta escrita a Getúlio Vargas, mais do que um desabafo íntimo, é lixo, nos moldes de Calvino. Jamais entregue ao destinatário, a referida missiva é matéria que Graciliano, letra por letra, produziu e expeliu. A solene despedida que encerra a carta é, portanto, como a saída à rua para levar o lixo. Graciliano ex-propria-se, leva para fora de si tudo aquilo que não mais lhe pertence, porque:

[...] essa representação diária da descida subterrânea, esse funeral doméstico [...] tem por finalidade primeira a de afastar o funeral da pessoa, de adiá-lo mesmo que seja um pouco só, confirmar-me ainda que, por mais um dia, fui produtor de escórias e não escória eu próprio. (CALVINO, 2000, p. 86-87)

A fatídica carta de Graciliano ao seu algoz coloca em cena, portanto, outros destinatários. A matéria escrita, não fazendo mais parte de seu remetente, entrega-se à leitura alheia. A carta enquanto lixo, sofre, a cada vez, nova reciclagem – como neste artigo. Reciclagem que, para Jacques Derrida (2001), está ligada à pulsão de morte freudiana, ao poder de consignação própria a todo e qualquer Arquivo.

3 O corpo sempre vivo das cartas

Voltando à questão posta por Sodré (1970) no início deste trabalho, se é verdade que Graciliano não gostava de escrever cartas ou se era apenas uma desculpa dada a alguns amigos por simples preguiça – “Reconheço que tenho sido horrivelmente bruto em não haver te respondido ainda as duas últimas cartas que me mandaste. Economia de tempo, de papel, de trabalho: preguiça.”²¹ (RAMOS, G., 2011, p. 29) – ou devido à falta de tempo em decorrência dos diversos compromissos profissionais assumidos – “Preciso ver se arrumo uma espécie de artigo para S. Paulo. Se de outra vez eu não puder escrever muito, não se espante: necessito trabalhar”²² (RAMOS, G., 2011, p. 251) –, o fato é que as escreveu e seus destinatários e herdeiros a arquivaram e, por isso, puderam aqui ser objeto de análise.

Mas, qual a importância das cartas enquanto herança de um escritor ou enquanto parte de sua obra?

Em “Suas cartas, nossas cartas”, Silviano Santiago (2006) coloca que não há, no corpo da carta, apenas a letra – ainda que datilografada – do escritor; há, acima de tudo, na letra, o corpo do escritor. O missivista desejando fazer-se presente, entrega-se ao destinatário, sem, contudo, distanciar-se de si mesmo. Noutras palavras, nas cartas, além da voz, vemos corpo, máscaras, entranhas e o jogo incessante de morte e vida que cerca o ofício de escrever.

Ou seja, para o autor de *Mil rosas roubadas*, a partir do estabelecimento de jogos intertextuais entre as cartas (e os diários, entrevistas, relatos autobiográficos) e a obra, podemos ampliar a compreensão desta e aprofundar o conhecimento acerca da história literária, como por exemplo, a respeito das relações entre o intelectual e o Estado na década de 1930²³. No caso de Santiago, as cartas ganham importância em sua produção ficcional, especificamente em relação a Graciliano Ramos, visto que elas são a principal fonte para a escrita de *Em liberdade* (1981), em que Santiago assume o lugar de Graciliano, escrevendo um diário acerca de seus primeiros dias livre do cárcere.

²¹ Carta de 13 de abril de 1914, de Graciliano Ramos ao amigo J. Pinto Mota Lima Filho.

²² Carta de 3 de março de 1937, de Graciliano Ramos à Heloísa.

²³ Sobre esse aspecto em particular, temos a própria prisão de Graciliano Ramos, em 1936, durante o governo de Getúlio Vargas como expoente.

Apesar do valor dado às correspondências, Santiago (2006) chama atenção para o tom do disparate que há nelas, visto transitarem entre o diário íntimo e a prosa ficcional. Por isso, segundo o autor, o leitor de cartas deve ser paciente, curioso e criativo:

Cabe a cada um de nós, leitores, apreender e tentar domar esses jogos de linguagem – espontâneos e controlados, também disparatados – da expressão humana, que a correspondência [...] nos oferece. Não cumpre a cada um de nós buscar um fio condutor, pois não há, e se houvesse, seria o resumo de vários fios contraditórios da vida cotidiana com seus imprevistos, incertezas, choques, reviravoltas, arrufos, alegrias, temores, arrependimentos, desconfianças, invejas, padecimentos... Todas as gamas dos sentimentos humanos ali estão expostas – como nervo e não como cadáver – à visita pública. (SANTIAGO, 2006, p. 77).

Mas “[...] a quem cabe, em última instância, a autoridade sobre a instituição do arquivo?” (DERRIDA, 2001). Ou, de outro modo, “a quem pertence uma carta” (LACAN, 1992)?

Pensemos a partir do conto “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe (2008). Nele, há pelo menos três detentores da carta: a Rainha, o Ministro D. e o detetive Dupin. Não sabemos o teor da carta, apenas somos levados a acompanhar o seu desvio que, interessante, só é percebido por aqueles que a querem roubar. Ao fim, percebemos que a carta roubada só pôde ser recuperada por estar em lugar tão óbvio, à vista do ladrão.

Lacan (1992), a respeito do conto de Poe, observa que há um movimento, chamado por Freud de “automatismo de repetição”, segundo o qual há uma repetição de três tempos, regidos por três olhares e pela mudança dos sujeitos que tomam esses olhares:

O primeiro é o de um olhar que não vê nada: é o Rei, e é a polícia. O segundo de um olhar que vê que o primeiro não vê nada e se engana ao ver coberto o que ele esconde: é a Rainha, em seguida é o ministro.

O terceiro que desses dois olhares vê que eles deixam a descoberto o que é para esconder, para aquele que quiser, dele se apoderar: é o ministro, e é Dupin enfim. (LACAN, 1992, p. 22).

O psicanalista observa que dessa cena que se repete em três olhares (três tempos), a única que permanece, que persiste, é a carta, o significante. Seguindo a ótica lacaniana, portanto, toda carta “[...] tem um

trajeto que lhe é próprio” (LACAN, 1992, p. 37), de modo que qualquer que seja a carta, ela chegará ao seu destino. Ou seja, as cartas pertencem a quem delas quiser se apossar.

Eis que das cartas de Graciliano Ramos me apossei. Enquanto ladra da correspondência alheia, fiz valer a lei do usucapião, nos moldes preconizados por Silviano Santiago (2006, p. 60). Lei que nos permitiu ler algumas das concepções de literatura do autor de *Memórias do cárcere*, seu olhar sobre o escritor, os bastidores de criação de alguns de seus romances e suas formas de distribuição, além da recepção de sua obra pela crítica, constituída também por amigos “doentes” e “leprosos” como ele, os mineiros, ao que arriscaria acrescentar os argentinos. Também notamos a consciência modernizadora de Graciliano, que escreve no brasileiro longe dos cafés e do asfalto, privilegiando a verossimilhança também quando se trata de silêncios, afastando-se da literatura panfletária, sem deixar a questão ética de lado. Sobre o estilo de Graciliano Ramos enquanto missivista, sobressaem o humor, a ironia, o olhar crítico com que trata a arbitrariedade política, a literatura nacional e o mercado editorial, o academicismo, pontos que, de alguma maneira, estão em seus romances, basta determo-nos em João Valério, Luís da Silva, Fabiano. As cartas aqui utilizadas constituem, como se vê, um rico material para a compreensão do universo literário do autor.

Portanto, ao colocar em diálogo as missivas dos vários acervos do autor de *Caetés* neste trabalho, o que fiz foi, tão somente, nova consignação, reciclagem, ao que afirmo: é da pulsão de morte que subjaz a todo arquivo que o Arquivo de Graciliano Ramos está cada vez mais vivo.

Agradecimentos

Agradeço a Carlos Antonio Fernandes, do AEM-UFMG; à Elisabete Marin Ribas, do IEB-USP; a João Tenório Silva, do Museu Casa de Graciliano Ramos; a Claudio Vitena, da Fundação Casa de Rui Barbosa; e a Rutonio Jorge Fernandes de Sant’Anna, da Biblioteca Nacional, pela disponibilidade e atenção com que atenderam à minha pesquisa, contribuindo tanto para minha dissertação de mestrado como para este artigo.

Referências

ACERVO de escritores mineiros. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: <http://sites.letras.ufmg.br/aem/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

ALVES, F. C. *Armas de papel* – Graciliano Ramos, as *Memórias do cárcere* e o Partido Comunista Brasileiro. Prefácio de Francisco Alambert. São Paulo: Ed. 34, 2016.

ANDRADE, C. D. de. [*Correspondência*]. Destinatário: Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, 26 ago. 1945. 1 folha, datilografado.

ANDRADE, C. D. de. Poema de sete faces. In: ANDRADE, C. D. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967. p. 53.

BORGES, J. L. [*Correspondência*]. Destinatário: Graciliano Ramos. Buenos Aires, 14 out. 1952. 1 folha, datilografado.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CALVINO, I. La poubelle agréé. In: CALVINO, I. *O caminho de San Giovanni*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 77-101.

CANDIDO, A. *Ficção e confissão*. Ensaios sobre Graciliano Ramos. 3. ed. revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Prefácio de José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.

GARRAMUÑO, F. O regionalismo crítico de *Vidas secas*. Tradução de Jorge Wolff. *Crítica cultural*, Palhoça, v. 5, n. 1, p. 89- 101, jul. 2010. DOI: <https://doi.org/10.19177/rcc.v5e1201085-102>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.v5e1201085-102>. Acesso em: 15 ago. 2016.

LACAN, J. O seminário sobre “A cartaroubada”. In: LACAN, J. *Escritos*. 3. ed. Tradução de Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 17-67.

LEBENSZTAYN, I. Cartas inéditas de Graciliano Ramos: estilo, amizades, bastidores da criação literária e da história. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 2, p. 145-153, abr.-jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2014.2.15491>. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/15491/11359>. Acesso em: 7 jul. 2017.

MAIA, P. M. (org). *Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos*: Benjamín de Garay e Raúl Navarro. Introdução, ensaios e notas de Pedro Moacyr Maia. Organização e apresentação de Fernando da Rocha Peres. Salvador: EDUFBA, 2008.

MORAES, D. de. *O velho Graça*: uma biografia de Graciliano Ramos. 1. ed. revista e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2012.

POE, E. A. A carta roubada. In: POE, E. A. *Histórias extraordinárias*. Tradução, seleção e apresentação de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 48-68.

RAMOS, C. Elementos de biografia. In: GARBUGLIO, J. C. *et al.* *Graciliano Ramos*. São Paulo: Ática, 1987.

RAMOS, G. [*Correspondência*]. Destinatário: Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 29 ago. 1938. 3 folhas, manuscrito digitalizado.

RAMOS, G. [*Correspondência*]. Destinatário: Octavio Dias Leite. Rio de Janeiro, 3 set. 1937b. In: RAMOS, G. *Graciliano Ramos (1892-1953): 50 anos de morte. Margens/Márgenes*: Revista de Cultura (2002-2007), Belo Horizonte, n. 03, p. 40-41, 2003. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/margens_margenes/article/view/10730/9477. Acesso em: 21 mar. 2019.

RAMOS, G. [*Correspondência*]. Destinatário: Oscar Mendes. Maceió, 5 abr. 1935. In: LEBENSZTAYN, I.; SALLA, T. M. A arte pede misericórdia: a carta de Graciliano Ramos inédita em livro. *Revista Cult*, São Paulo, n. 239, p. 36-39, 10 out. 2018. Dossiê Graciliano Ramos.

RAMOS, G. [*Correspondência*]. Destinatário: Wilson Martins. Rio de Janeiro, 24 nov. 1944a. 1 folha, manuscrito.

RAMOS, G. [*Correspondência*]. Destinatário: Wilson Martins. Rio de Janeiro, 18 dez. 1944b. 1 folha, datilografada.

RAMOS, G. [*Correspondência*]. Destinatário: Wilson Martins. Rio de Janeiro, 16 abr. 1945. 1 folha, datilografada.

RAMOS, G. Baleia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5502, 23 maio 1937a. Quarta Secção, p. 1-2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/37970?pesq=Baleia. Acesso em: 14 jul. 2019.

RAMOS, G. *Cartas*. Nota de Heloísa Ramos. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

RAMOS, G. *Memórias do cárcere*. v. 2. Prefácio de Nelson Werneck Sodré. 7. ed. São Paulo: Martins, 1972b.

RAMOS, G. O romance de Jorge Amado. In: RAMOS, G. *Linhas tortas*. Prefácio de Brito Broca. 5. ed. São Paulo: Martins, 1972a. p. 107-111.

RAMOS, G. Paulo. *O Jornal*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 5473, capa, 18 abr. 1937c. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_03/37291. Acesso em: 30 out. 2017.

RAMOS, G. *Viagem*. (Tcheco-Eslováquia – URSS). Prefácio Jorge Amado. 6. ed. São Paulo: Martins, 1972c.

RAMOS, R. *Graciliano*: retrato fragmentado. Prefácio de Silviano Santiago. 2. ed. São Paulo: Editora Globo, 2011.

SANTIAGO, S. Suas cartas, nossas cartas. In: SANTIAGO, S. *Ora (dires) puxar conversa!*: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 59-95.

SCHMITZ, L. B. de A. *Cartas de Graciliano Ramos: caput mortuum* de uma vida literária. 2018. 234p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SCHMITZ, L. B. de A. Cartas de Graciliano Ramos: uma epistolografia do corpo. *Revista Entrelaces*, Fortaleza, v. 1, n. 16, p. 88-107, abr./jun. 2019.

SODRÉ, N. W. *Memórias de um escritor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970, v. 1.

Recebido em: 1º de maio de 2019.

Aprovado em: 5 de agosto de 2019.